

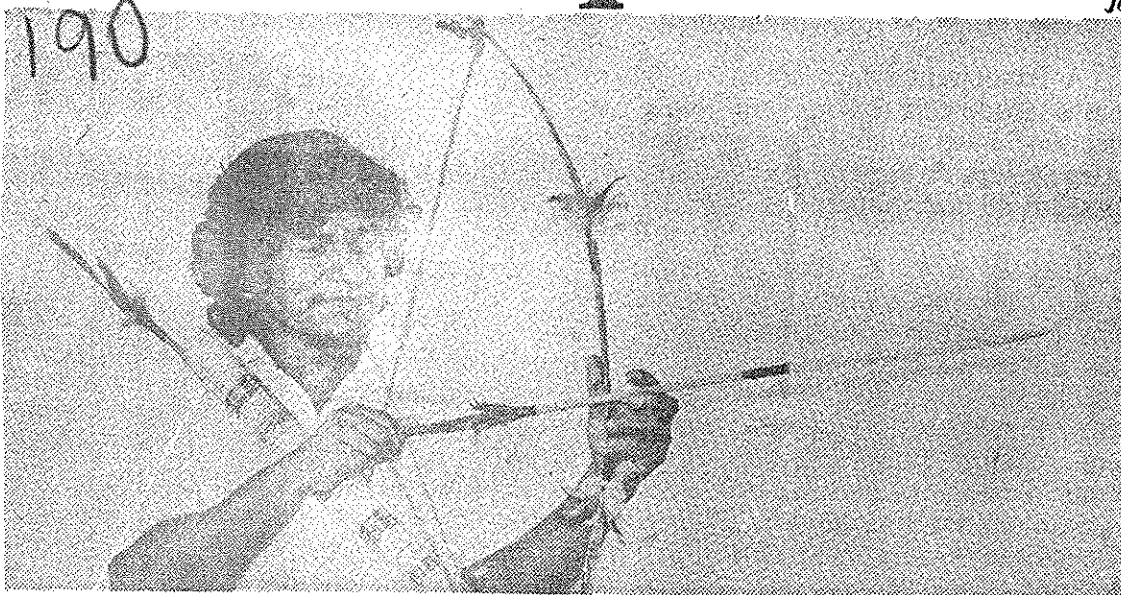
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Quilombo de Mimos Class.: 102

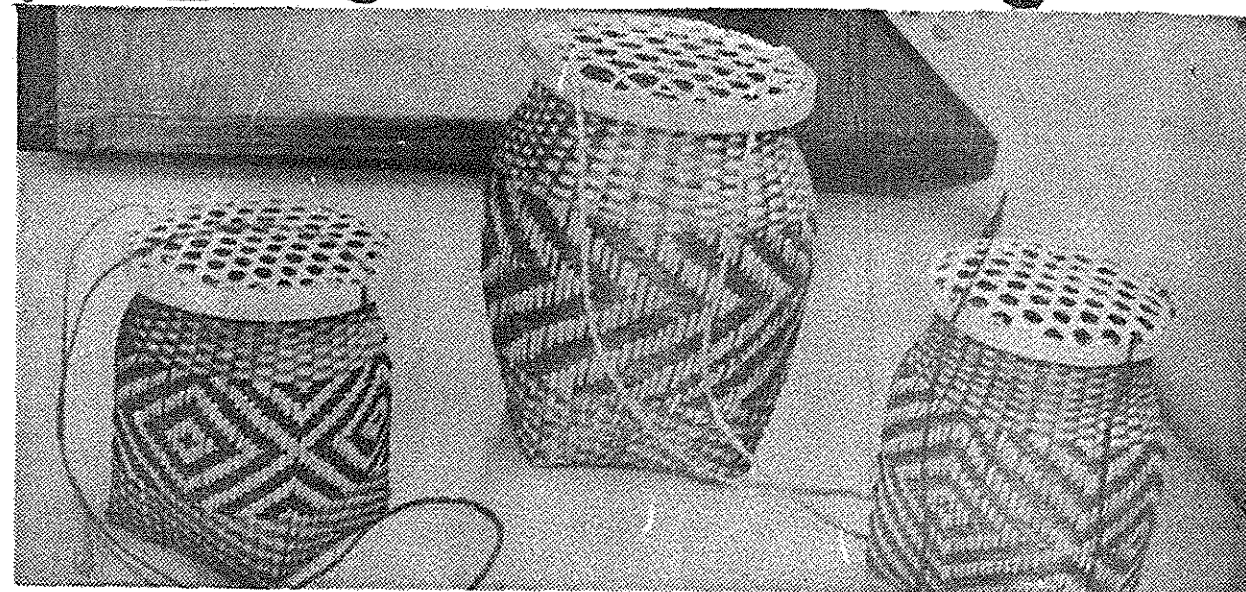
Data: 08/12/190 Pg.: _____

Pataxó quer um espaço na Praça

José Aguiar



Adauto vende suas flechas que há muito não caçam para comer. São enfeites de parede



Os cestinhos, antes apenas utilitários, hoje, belas pochetes

A lista dos problemas dos índios brasileiros, interminável, começa pelo antagonismo dos próprios índios ao desejarem a extinção da Funai, órgão criado para a proteção da raça, e que, hoje, não tem dado assistência alguma ao índio, nem para um tratamento dentário. Adauto Vital dos Santos, da tribo Pataxós, vem a Belo Horizonte constantemente trazer artesanatos para vender.

Desanimado, narra algumas das dificuldades a que estão sempre expostos; invasões constantes de terra por madeireiros, mineradores e fazendeiros, já se tornaram uma realidade cotidiana. Ameaças até do próprio governador eleito Antônio Carlos Magalhães, que durante a sua campanha prometeu devolver aos latifun-

diários locais, os 1,2 hectares de terra conseguidos em 1982 onde vivem hoje a tribo Caramuru-Paraguaçu, uma das facções dos pataxós.

Hoje, segundo Adauto, o Toré é um dos poucos rituais que sobrevivem na tribo. A festa, que se inicia às 21 horas do sábado e só termina às 5 horas da manhã de domingo, é o que fortalece a tribo para resistir às pressões a que estão sempre sujeitos. O peixe e a carne, base da alimentação indígena, para não cair no esquecimento tem que ser comprados, já que a caça não existe e nem tão pouco há um rio na fazenda, quase totalmente invadida pelo município de Pau-Brasil, onde vivem.

A única forma que os pataxós encontraram para assegurar

alguma renda é o artesanato que é revertido em comida, vestuário, remédios, passagens, sementes de feijão e milho além de instrumentos para a confecção (lixa, serra e tintas). Os principais artesanatos são bolsas de palhinha, cestos, arcos, flexas, lanças de duas pontas, brinco de coco para mulher (redondos) e de madeira para homem (comprido), prendedores de cabelo de madeira, chocalhos e leques. Durante o verão, os pataxós vendem os seus trabalhos na região de Porto Seguro, mas com as chuvas os turistas não aparecem e Belo Horizonte torna-se o melhor mercado. Mas na capital mineira os índios têm muitos problemas para conseguir locais fixos para vender. Várias foram as tentativas de conseguir uma barraca na

Praça da Liberdade, local designado para a feira de artesanato que a cada dia menos artesanato possui e a Prefeitura dificulta a liberação de espaço para quem realmente traria à feira um trabalho artesanal legítimo.

Na tarde de ontem Adauto foi à assistente social da Prefeitura e retornou sem nada conseguir. A assistente disse apenas que por hora é impossível um espaço para eles, isso só será possível após a mudança da feira para outro local. Mais uma vez Adauto retornará à Bahia sem perspectivas e na dependência da autorização de algumas diretoras de escolas que permitem que ele mostre seus belos trabalhos, que a maioria dos mineiros continuarão desconhecendo.